

# O Irracionalismo na literatura

LUIZ BUSATTO — UFES

“ A arte é uma loucura controlada, uma viagem ao irracional”<sup>1</sup>. Ler isto em A Gazeta na semana passada me trouxe um grande conforto. Primeiro porque resume o tema de hoje, a fala neste simpósio Ciência além da razão ?; e depois, satisfaz uma cobrança da organizadora deste Simpósio de lançar um slogan, uma frase de efeito para atrair participantes. Nesta época de crise, (não sei qual) as pessoas buscam todas as soluções. Tudo é válido para sair do desnorreamento geral que reiterados governos impõem ao povo, ao grande povo brasileiro. Ao ler isto no jornal “a arte é uma viagem ao irracional” desapareceu a angústia de estar só ou de estar falando no assunto que interessa a poucas pessoas. Sinto-me e sou um iniciante em tudo aquilo que diz respeito a coisas transcendentais e que ultrapassam o bom senso de uma criança. Não disse Einstein que “o bom senso é um preconceito que se tem até os dezoito anos?” Uma das descobertas pessoais mais cruéis da minha vida de professor e estudioso foi exatamente descobrir que não tenho bom senso. A não ser que eu imite as crianças. A pureza das crianças é cheia de bom senso.

Não esperem que eu fale de coisas extraordinárias, de OVNI, nem de levitação. As crianças acreditam que Batman voa, que a mulher Maravilha voa, levita e se transforma. Nem vou falar do apogeu da literatura grega tão insuperável pela sua clareza e luminosidade, por suas tragédias no século V a. C..

No entanto, toda a arte grega é dirigida e mantida pela ananque, pela Necessidade, pela Moira, por um Fatum que é uma coisa cega.

*O século II a.C. viu o desenvolvimento de outra doutrina irracional, que influenciou profundamente o pensamento dos finais da antiguidade e de toda a Idade Média - a teoria das propriedades ocultas ou das forças imanentes em certos animais, plantas e pedras preciosas.*

Ao invés de correr atrás de pedras, pirâmides, plantas e almas que encarnam e desencarnam, eu vivo correndo atrás da literatura, disciplina que leciono há dezesseis anos na UFES e que estudo há mais de quarenta. É este o caminho e a viagem que eu faço para resolver alguns problemas. Porque não é só a ciência que resolve os problemas humanos, também a arte busca a mesma coisa, só que por outro caminho. Se a ciência procura a ordem, as causas, o sentido das leis físicas, etc. também a arte busca tudo isso no mundo e na vida. A vida humana é uma incessante busca de ordem no Caos. Então, também a literatura é uma viagem ao irracional. Aquilo de que tenho dúvida é saber se só a razão é capaz de por ordem no Caos, na confusão. Há outras faculdades humanas que

também são capazes disto. Observem como o ser humano é analisado e retalhado em uma infinidade de partes físicas e psíquicas. Folheiem o livro de Nostradamus comentado. Eu gosto, além da razão, da emoção, da sensibilidade, da intuição.

A arte é um jogo, uma atividade lúdica que se opõe à atividade séria. A arte é um “faz de conta” por oposição ao “para valer”. A arte é uma brincadeira e a literatura é uma brincadeira com palavras. É na literatura onde melhor se colhe o que o escritor, o ser humano pensa e sente, onde se libera. Para mim, estudar literatura é tão importante quanto estudar física nuclear, engenharia genética ou qualquer outra coisa. Não vou discutir, agora, as diferenças entre o discurso científico e o discurso literário. Dou como pressuposto.

Em 1922 houve uma revolução na literatura brasileira que batizaram com o nome de Semana de Arte Moderna. Não houve só o tenentismo e a fundação do partido comunista brasileiro. Foi uma revolução literária que tinha precedentes nas vanguardas literárias e artísticas européias. Todas estas vanguardas eram viagens e voltas ao irracionalismo. Cada época tem sua ideologia. No final do século passado as artes reagiram fortemente contra o positivismo científico. O cubismo é um exemplo. Quando Pablo Picasso e Georges Braque começaram, em 1906, a utilizar-se de processos composicionais já presentes na arte negra (africana) como a bricolagem ou a colagem, foi realmente um espanto. Aquelas mulheres horrorosas, aquelas desproporções anatômicas, aquelas segmentações de planos, provocaram uma grande convulsão. Para os dois a arte era uma “coisa mental” e visual. Então, o retorno às sociedades primitivas foi uma saída para o cansaço da civilização ocidental. Picasso fez isto.

No Brasil, Mário de Andrade escreveu um livro em 1928 intitulado Macunaíma. Macunaíma foi escrito a partir do livro de Teodoro Koch Grünberg Von Roroima zum Orinoco, um antropólogo que estudou os índios, os seus costumes e mitos. Viviam nas Guianas e se chamavam tapanhumas, vizinhos dos ianomânis. O rio Uraricoera está lá, a região é clara no mapa, objeto de cobiça e do irracionalismo tecnológico, irracionalismo capitalista selvagem. (Aqui o termo “irracionalismo” tem sentido pejorativo, de burrice, e não é neste sentido que pretendo usar o termo.) Mário de Andrade expõe e discute na obra Macunaíma o problema civilização versus progresso tecnológico, numa história de um herói que chamou de “sem caráter”. Um herói sem caráter é um herói caótico. Aparentemente o romance não tem pé nem cabeça. Aparentemente. Ao indicar a leitura do livro aos alunos sinto-me um pouco sádico, um pouco torturador mental, porque vejo que a juventude briosa lê e não entende bem o que lê. Para começar, o autor diz que o livro é um puro divertimento escrito em seis dias. É uma rapsódia como na música, é um canto costurado. Mário de Andrade vai costurando mitos, lendas, casos, piadas, provérbios, comentários irônicos à política brasileira e ao comportamento humano. É uma história em que o herói, ao invés de conduzir os acontecimentos é por eles conduzido. O herói aparece sempre fugindo, como se o livro fosse filme passado de trás para diante. Quando não se entende uma coisa, o que é que se diz?

Para se entender as vanguardas européias e as brasileiras é preciso estudar antropologia, sociologia, psicanálise, filosofia, história, religião e uma porção de coisa, até magia. A prosa e a poesia segundo o futurismo de Marinetti, o cubismo de Picasso, o surrealismo de Appolinaire e André Breton e mais ismos, estão declaradamente inseridos dentro de uma filosofia da vida que os críticos caracterizam de irracionalista.

### **O irracionalismo na prosa**

A vida profissional obriga o professor a tratar de questões insolúveis e a ensinar, muitas vezes, aquilo que ele não sabe. Que é fazer uma pesquisa com os alunos ? É procurar aquilo que não está ordenado. Dizem que o Ensino Superior, Universitário é aquele que busca o saber organizado, que vai atrás do mito da Sabedoria.

Os manuais de história da literatura brasileira estão a todo momento falando de irracionalismo. Como não se usam as palavras impunemente, preocupou-me saber o que os autores pretendem dizer com palavra irracionalismo. Daí o despertar mágico para com esta palavra, daí a compulsão de dicionários, de livros e mais livros. Irracional significa: arracional= alheio à razão; anti-racional= o que é contrário à da razão; supra racional = o que é superior à razão, para além da razão; infra-racional = o que é inferior à razão; pré-racional= o que precede à razão. A palavra razão tem um cartaz enorme nos dicionários, ocupa espaços e é pró e contra. Daí falar-se de irracionalismo ontológico em que o próprio ser é irracional por natureza. Daí irracional significar alógico na fenomenologia. Concretamente esta terminologia é uma coisa desagradável tanto aos leitores como aos ouvintes, mas falar de irracionalismo é falar de uma questão de milênios. Os gregos já trataram disto profusamente, eles, que se demonstraram artistas e sábios tão racionais. Na mitologia, os gregos apresentam Apolo de um lado e Dionísio de outro, para materializar a bipolaridade de um comportamento racional/emocional ou racional/irracional. As festas dionisiacas ou báquicas expunham todo um lado obscuro do comportamento humano.

Pulemos os séculos e vamos falar de Macunaíma, de uma obra acessível e de uma questão atual que, no fundo, vai cair na tradição do século passado e na tradição milenar, porque exige conhecimentos atualizados sobre mito e mitologias.

No início do século xx se fala de irracionalismo, derrocada do intelecto, ódio à inteligência e outras expressões. Deve-se entender por irracionalismo uma sobrevalorização da sensibilidade e da emoção; deve-se entender uma quebra do quadro estreito do racionalismo, em vigor, no final do século passado, que era o do positivismo de Augusto Comte, do evolucionismo de Darwin e Spencer, do determinismo estético de Hipólito Taine na literatura. Tem gente que atribui a ascendência de Comte e de sua doutrina positivista na história do Brasil como um movimento típico da vaidade brasileira que consiste em ir buscar novidades em Paris. O positivismo é marcante na primeira república e no militarismo da Escola Superior de Guerra, sua repositária. Assim o lema “Ordem e Progresso”. E o positivismo só podia vingar no Brasil porque aqui, qualquer coisa que se plante, nasce. Parece não ter dado bons resultados

em outras partes. Estude-se a religião da natureza e a fase final da vida de Augusto Comte para ver se isto não é verdade ! Não convém desprezar a história do positivismo no Brasil, nas não concordo com ele.

O evolucionismo de Darwin é um evolucionismo da espécie e não um evolucionismo de gênero, no campo da biologia. Natura non facit saltus.

Hipólito Taine pregou o determinismo da raça, do meio e do tempo na obra de arte. Mas isto já foi refutado e não é o caso de discutir agora. Se isto fosse verdade, não haveria lugar para se falar de liberdade humana.

Também por irracionalismo deve-se entender um combate à razão dedutiva, como a das operações mentais da física moderna. “O positivismo defendia que o único conhecimento verdadeiro era o científico, negando a validade dos juízos filosóficos ou teológicos.”<sup>3</sup> Todos, como Comte, queriam, no final do século passado, e pretendiam, elaborar uma “ciência da ciência”. Os artistas de todas as áreas reagiram contra isto sobretudo depois da primeira guerra mundial.

Macunaíma, de 1928, é um exemplo típico de reação ao racionalismo no campo das artes, racionalismo tão decantado no Parnasianismo. Neste ano esboçou-se um movimento literário e artístico denominado Antropofagia que lançou raízes também em Vitória através de um grupo de jornalistas inquietos e inconformados. Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral, sua mulher, viviam em Paris. Oswald negou que a Antropofagia viera de Paris, mas veio. De lá veio o positivismo e o irracionalismo. Tudo vem de Paris.

Para se entender as vanguardas estéticas brasileiras e, portanto, européias, é preciso estudar antropologia, sociologia, psicanálise, filosofia, história, religião, uma porção de coisa, até magia, esoterismo, a ciência dos números, Pitágoras, etc..

Na religião, tem-se uma formidável contribuição ao irracionalismo na reforma luterana. Que propunha Lutero até hoje fielmente seguido no mundo ocidental ? Crê e Jesus te salva!

Na filosofia, Frederico Nietzsche (1844-1908) que foi um ardoroso luterano, desiludiu-se do cristianismo quando o aponta como uma religião dos fracos. Nietzsche contestou a metafísica ocidental com uma ironia feroz no livro Assim falou Zaratustra. Lembro que o discurso irônico, em literatura, tem que ser entendido ao contrário do dito. Diz-se uma coisa mas se deve entender o contrário daquilo enunciado. Desta forma, os “simples” entendem o discurso ao pé da letra e são os “patos”, os bobos da história. Só espertos e ágeis de espírito entendem a real significação da ironia. E assim, com esta técnica, se agrada a todos. Nietzsche fez a apologia das forças dionisíacas no homem, que são as forças vitais, por oposição a Apolo. Apoiado em idéias de Schopenhauer, Nietzsche prega a vontade em lugar proeminente sobre a razão. Não creio que os leitores de Nietzsche o entendam facilmente. Foi com Nietzsche e outros que ressurgiu uma Filosofia alemã da vida dentro da história da filosofia moderna, onde o irracionalismo é a tônica. A vida sempre foi e é uma coisa prática, assim eles o entendem.

Nos Estados Unidos, William James (1842-1910), contemporâneo do alemão, publicou, em 1906, um livro chamado Pragmatismo. Entre um naturalismo grosseiro e um absolutismo transcendental, apresenta como

elemento de superação dialética, um teísmo pragmatista ou “meliorista”, para responder às aspirações da sua época. Deve-se lembrar que William James, ao tratar do dilema da filosofia moderna, opõe dois tipos de homem :

o delicado	versus	o bárbaro
racionalista (conduz-se por princípios)		empirista (conduz-se por fatos)
intelectualista		sensualista
idealista		materialista
otimista		pessimista
religioso		irreligioso
partidário do livre arbítrio		fatalista
monista		pluralista
dogmático		cético

Quem andou pelo Brasil, em 1929, e exerceu influência sobre Mário de Andrade e Oswald de Andrade foi um conde alemão chamado Hermann Keyserling (1880-1946). Keyserling escreveu, em 1926, um livro intitulado O mundo que nasce onde fala justamente do bárbaro tecnizado (pensa no homem norte-americano) e no chofer, no homem ao volante apregoados no manifesto futurista de Marinetti de 1909. Este livro de Keyserling é citado no segundo prefácio de Macunaíma por Mário de Andrade. E porque? Porque o grande problema na obra literária de Mário de Andrade é exatamente a oposição entre a civilização versus o progresso, entre os valores da razão e os valores da emoção, um problema não resolvido. É a tecnologia um progresso? Keyserling fundou uma escola de sabedoria em Darmstadt, na Alemanha e escreveu muitos livros sobre o assunto.

Na história, um pragmatismo radical do historiador Oswald Spengler (1880-1936) vai levá-lo a escrever em alentados volumes A decadência do ocidente, uma interpretação histórica pessimista onde a razão não explica nem resolve as contradições. Diz o mesmo autor em O homem e a técnica que o ser humano é um animal de rapina, um predador e que, o que faz a história são os fatos e os fatos são a lei do mais forte. Portanto, não fazem muito sentido os ideais humanos de razão, de liberdade. Dá para vislumbrar a presença de Nietzsche atrás destas idéias quando este diz literalmente : o bárbaro se afirma em cada um de nós. Também, o animal feroz<sup>4</sup>. Mesmo tendo se insurgido contra o nazismo, há quem veja em Spengler um seu precursor e profeta dos métodos de Hitler. Com os seus ciclos das culturas nascendo, crescendo e morrendo, sem ligação umas com as outras, Spengler vai influenciar outro renomado historiador que é Arnold Toynbee.

Na filosofia, Henri Bergson (1859-1941) prefacia o livro Pragmatismo de Willian James. Bergson foi professor de Keyserling. E Bergson é “o representante mais conceituado e original da nova ‘filosofia da vida’ a qual recebeu dele a forma mais acabada.” Bergson vai opor a inteligência orientada para a ação à intuição que não está a serviço da prática. Quem estuda o élan vital de Bergson vai notar como ele explica a vida, como ela não procede logicamente, como ela vai dividir-se em reino vegetal e reino animal. No animal se subdivide em insetos sociais e no homem. A realidade é um devir. “Segundo esta filosofia, nada há de estável (na realidade) tudo é fluente, tudo cria livremente, a inteligência é incapaz de captá-la e todo o conhecimento se baseia na experiência.” Desculpem a simplificação e reducionismo praticado em cima de um autor tão moderno e complexo. Isto é dito por causa da pergunta: Que tem a ver Bergson com o irracionalismo na literatura? Ele é um dos mais importantes filósofos que está à base da viagem ao irracional nas artes modernas. É sabido que Proust escreveu sua obra Em busca do tempo perdido a partir de Matéria e memória (1896) de Bergson. No livro Ensaio sobre os dados imediatos da consciência (1889) Bergson trata da sugestão na teoria da arte. O livro contém sua teoria do conhecimento. Há uma paternidade de Bergson, através de Keyserling, para com Mário de Andrade. Bergson pontificou numa época em que não só nascia a psicanálise de Freud (1856-1939) mas desenvolvia-se a sociologia com Lucien Lévy-Bruhl (1857-1939). Escrevendo As funções mentais nas sociedades inferiores Lévy-Bruhl apresenta a mentalidade prelógica e “chamando-a prelógica somente quero significar que não se limita, como nosso pensamento, a abster-se da contradição. Obedece antes à lei de participação”. E chama de lei de participação ao princípio próprio da mentalidade primitiva que rege as relações e prerações das representações coletivas. Como os demais, Lévy-Bruhl é empirista e abeira-se do irracionalismo que invade, à época, a filosofia da vida.

Na antropologia, Bronislaw Malinowski (1884-1942) vai apresentar, em 1926, O mito na psicologia primitiva, mas sobretudo em Magia, ciência e religião, um magistral estudo que explica aquilo que os jovens e os leigos não entendem em Macunaíma, o primitivismo. Tudo aquilo que não entendemos chamamos de irracional. Em Macunaíma há um registro que muda em relação à estética literária tradicional. A linguagem assume uma feição mitológica.

*O mito, diz Malinowski, ao garantir a crença na imortalidade, na eterna juventude, uma vida para além da sepultura, não constitui uma reação intelectual a um enigma, mas um ato explícito de fé nascido nos recônditos da reação emocional e instintiva à idéia da morte.*

Macunaíma é uma tentativa mitológica de explicar o brasileiro, não por vias filosóficas e racionais, mas instintivas e emocionais. Convenhamos, leis e razão não são o forte do povo brasileiro, mas emoção, instintividade, carnaval. Nossa cultura é mais dionisíaca que apolínea. Não há ser mais instintivo do que Macunaíma que mente só porque tem vontade. “Brinca” com todas as mulheres só porque tem vontade. Em Macunaíma, o herói se comporta nas reações sociais, como no mito. E no mito tudo pode acontecer porque o mito só tem versões e todas as versões são imaginosas. No mito, entre o falar e acontecer não há distância. A

linguagem é mágica e mística. A religião diz que Deus falou e quando falou tudo aconteceu na criação do mundo. Em Macunaíma o herói vai daqui para lá sempre falando e tudo acontecendo.

— Volomã, me dá uma fruta, Macunaíma pediu.

o pau não quis dar. Então o herói gritou duas vezes:

— Boioiô, boioiô! quizama quizu!

Cairam todas as frutas e ele comeu bem.

Cap. VIII Vei a Sol

A linguagem mitológica parece desprovida de razão, mas só de razão científica. Na origem das palavras estão as coisas a que se ligam e é por isto que a escrita começou em sociedades secretas como algo sagrado. Então... a linguagem das origens é a linguagem mitológica. Também parece que a poesia está sempre nas origens de nossa percepção.

### Poesia e magia

Um outro assunto que interessa ao tema, hoje discutido, é o da poesia. A lírica do século XX se caracteriza por sua essencialidade obscura, hermética que fascina e desconcerta. Os poetas se reservam o direito de serem magos e profetas. A magia da palavra e seu sentido de mistério agem profundamente, embora a compreensão permaneça desorientada. “A poesia pode comunicar-se, ainda antes de ser compreendida, observou T.S. Eliot em seus ensaios”<sup>9</sup> Não é só para a razão, é para outras camadas psíquicas ou anímicas. Esta junção de incompreensibilidade e de fascinação pode ser chamada de dissonância cognitiva. O leitor da poesia do século XX sabe que luta com a obscuridade e que esta obscuridade da poesia moderna é intencional. Eugênio Montale disse com sobriedade, mas claramente, que ninguém escreveria versos se o problema da poesia consistisse em fazer-se compreensível.<sup>10</sup> Parece um paradoxo, mas não é. É a negação daquela clareza e racionalidade de um tipo de poesia realista e parnasiana.

Todo poema é cifrado como enigma que deve ser decifrado, é hermético. Quer dizer alguma coisa e tem um sentido que nos foge. O poema não visa a uma comunicação racional.

*Pluriforme na significação, consiste em um entrelaçamento de tensões de forças absolutas, as quais agem sugestivamente em estratos pré-rationais, e também deslocam em vibrações as zonas de mistério dos conceitos.*<sup>11</sup>

Quando o poeta diz :

.....  
*Os olhos da minha amada foram postos sobre mim. Eles me guardam do orgulho e da desesperança.*

*O seu ventre não é o jardim das delícias. É antes o gesto inicial e definitivo,*

*o encontrado Éden.*

*Por isso o seu ventre é também um jardim de delícias.*

*Ela me afaga com as suas mãos docemente, cálidas e inofensivas  
como um animal ferido.*

*Aquieto-me, bem amada, nos teus braços de seda; de seda não, de  
sonho, e entre eles encontro a origem de toda a bem-aventurança.*<sup>12</sup>

(Retrato da amada, de Roberto Almada)

O poeta cifrou o mito do amor entre dois seres neste “retrato da amada” e mexe na região das sugestões. Literatura é dizer-se, é sugerir e, talvez, na sugestão resida sua maior força, porque a sugestão envolve todas as camadas psíquicas do ser. Disse atrás que Bergson desenvolve a sugestão na obra de arte em seu livro de 1889.

O autor Matila Ghyka em seu livro Sortiléges du verbe aborda, no capítulo primeiro, a palavra como elemento de sugestão.<sup>13</sup> As palavras, a começar da civilização egípcia, têm um poder mágico e encantatório. No Livro dos mortos a alma deve se servir de “palavras de poder”. Existe a magia encantatória poética.

Malinowski em Magia, ciência e religião mostra como “toda magia foi simplesmente desde o começo um coadjuvante essencial de todos aqueles assuntos e processos de importância vital para o homem, mas que escapam aos seus esforços racionais normais.” Explica também em obra de 1926, O mito na psicologia primitiva, que a magia não é encontrável nos casos de atividade humana, segura e sólida, controlada pelos métodos racionais. Encontramos a magia, diz ele, onde quer que o elemento do acaso e do acidental e o jogo emocional entre a esperança e o receio tenham um espectro mais amplo e extensivo.

A poesia é, pois, a linguagem da magia. As palavras têm timbre, têm cor, têm sugestão dinâmica, evocam imagens e sensações.

Há anos, na sala de aula, repito o teste do “perfunctório”. Que é perfunctório? Emitidas as opiniões, elas só provam que o som cria significados. As palavras têm força.

A literatura é a arte das aparências sugestivas por meio da palavra e nunca as palavras se tornaram tão sugestivas como na poesia e, sobretudo, na poesia moderna do século XX. Linguagem lírica e linguagem científica são coisas distintas conforme Matila Ghyka. Basta citar a linguagem científica como traduzível e a poética como, essencialmente, intraduzível em todas as suas possibilidades.

Jorge de Lima escreveu Invenção de Orfeu, um poema de mais de dez mil versos. Durante muito tempo manteve leitores e a crítica literária sem entender muitas de suas qualidades, mas a todos seduzia. Jorge de Lima não dissocia a linguagem poética da religiosidade e da sua ligação divina e profética. Acredita na inspiração como coisa sagrada e acredita que o poeta diz coisas que não entende como, às vezes, o profeta. Ao poeta é mandado falar. Ele tem o dom por origem divina e a poesia só tem sentido quando radica na transcendência humana.

Sabe-se que as experiências poéticas, no particular, são inefáveis, inco-  
municáveis. O exercício poético é uma luta contra o caos, contra a  
incomunicabilidade do ser concreto. A tentativa, porém, é sempre válida.  
Há uma força irracional na poesia moderna. Mallarmé que nutria vivo  
interesse pelo ocultismo chegou a dizer que “existe um parentesco  
secreto entre as antigas práticas e a magia que atua na poesia; poetar  
significa evocar o objeto calado numa obscuridade propositada por meio  
de palavras alusivas, jamais diretas.”<sup>14</sup>

Na poesia moderna o real não é o mundo mas apenas a palavra. Fica bem  
terminar esta fala com o mago da poesia moderna brasileira, Jorge de  
Lima :

*Não procureis qualquer nexo naquilo  
que os poetas pronunciam acordados  
pois eles vivem no âmbito intranquilo  
em que se agitam seres ignorados.*

*No meio de desertos habitados  
só eles que entendem o sigilo  
dos que no mundo vivem sem asilo  
parecendo com eles renegados.*

*Eles possuem, porém, milhões de antenas  
distribuídas por todos os seus poros  
aonde aportam do mundo suas penas.*

*São os que gritam quando tudo cala,  
são os que vibram de si estranhos coros  
para a fala de Deus que é sua fala.*<sup>15</sup>

Por que as mais variadas formas de irracionalismo estão invadindo o  
campo do saber atual e o campo das artes, hoje ?

Religiões, esoterismo, rituais mágicos, fenômenos mentais desconheci-  
dos, formas extra terrestres, coisas de que a ciência ainda não tratou são  
formas que atestam a falência das respostas até hoje apresentadas e sobre  
as quais estamos assentados.

Vitória, 16 de junho de 1991.

## NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- José Irmo Gonring em *A Gazeta de Vitória* de 12 de junho de 1991.
- DODDS, E.R. *Os Gregos e o irracional*. Lisboa; Gradiva, 1988, p. 264
- BULCÃO, Marly. *O Racionalismo da ciência contemporânea*. Rio de Janeiro; Antares, 1981, p. 17
- HIRSCHBERGER, J. *História da filosofia contemporânea*. São Paulo, Herder, 1963, p. 37
- BOCHENSKI, I.M. *A Filosofia contemporânea ocidental*. São Paulo, Herder, 1962, p. 108
- BOCHENSKI, I.M. (1962) p. 118
- LÉVY-BRUHL, Lucien. *Las Funciones mentales en las sociedades inferiores*. Buenos Aires; Lautaro, 1947, p.69
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Magia, ciência e religião*. Lisboa; Edição 70, p. 112
- FRIEDRICH, Hugo. *A Estrutura da lírica moderna*. São Paulo; Duas Cidades, 1978, p. 15
- Idem, *ibidem*, p. 16
- Idem, *ibidem*, p. 16
- ALMADA, Roberto. *Dissertação sobre o nu*. Vitória, Prosa & verso, 1990, p. 112
- GHYKA, Matila C. *Sortiléges du verbe*. Paris, Gallimard, 1949, p. 27
- FRIEDRICH, H. (1978) p. 134
- LIMA, Jorge de. *Obra completa*. 1º volume, 1958, p. 575